Fortuna Tancredi: Tancredo de Lecce e a oposição siciliana ao processo da *unio Regni ad Imperium* nas crônicas coetâneas

Fortuna Tancredi: Tancredo of Lecce and the Sicilian opposition to the process of *unio Regni ad Imperium* in coeval chronicles

Vinicius Cesar Dreger de Araujo [1]
Universidade Cruzeiro do Sul

Resumo

O Reino Normando da Sicília foi uma das mais interessantes organizações políticas do século XII europeu mas é pouco estudado pela historiografia medievalista brasileira, especialmente o processo da *unio Regni ad Imperium*, sua conturbada fusão dinástica com o Sacro Império Romano, entre 1177 e 1268. Nossa proposta é a de analisar a figura do Rei Tancredo de Lecce, opositor à *unio Regni ad Imperium* nas principais manifestações historiográficas do período: a *Epistola ad Petrum Panormitanae ecclesiae thesaurarium* atribuída a "Hugo Falcandus" e o *Liber ad honorem Augusti sive de rebus Siculis* de Pedro de Éboli.

Palavras-chave: Reino Normando da Sicília; Sacro Império Romano; Tancredo de Lecce; Historiografia medieval siciliana.

Abstract

The Norman Kingdom of Sicily was one of most interesting political organisations of the european XIIth Century. However, little studied by Brazilian medievalist historiography, especially the process *unio Regni ad Imperium*, its troubled dynastic merger with the Holy Roman Empire, between 1177 and 1268. Our proposal is to analyze the figure of King Tancred of Lecce, leader of the oposition to *unio Regni ad Imperium* in the major historiographical works of the period: the *Epistola ad Petrum Panormitanae ecclesiae thesaurarium* attributed to "Hugo Falcandus" and Peter of Eboli's *Liber ad honorem Augusti sive de rebus Siculis*.

Keywords: Norman Kingdom of Sicily; Holy Roman Empire; Tancred of Lecce; Medieval sicilian historiography.

● **Enviado em: 25/10/2013**
● **Aprovado em: 21/05/2014**

[1] Doutor em História Social pela USP – Universidade de São Paulo e professor de Pós-graduação na UNICSUL – Universidade Cruzeiro do Sul e no Centro Universitário Anhanguera, campus Osasco.

O reino síciulo-normando talvez tenha sido o mais interessante experimento político da Idade Média Central. Nascido da obra contínua dos senhores normandos que iniciaram sua expansão na Campânia, Apúlia e Calábria a partir da formação dos condados de Melfi (1046) e Aversa (1049), em luta no continente contra príncipes lombardos e governadores bizantinos, além de contra os emires muçulmanos na Sicília, foi formalmente tornado reino em 1130 pela coroação de Roger II de Hauteville como Rei da Sicília, Calábria e Apúlia, sob beneplácito papal inteligentemente obtido por meio da exploração do cisma entre Anacleto II e Inocêncio II (1130-1138), ao apoiar o primeiro. Após o fim do Cisma com a morte de Anacleto, Roger obteve a anuência de Inocêncio ao explorar as tensões entre o Papa e o Imperador Lotário III.

Esta inédita entidade política (já que não possuía alguma forma de antecedente legitimador de independência territorial desde os tempos da expansão da república romana), congregava altíssimo grau de heterogeneidade étnica e cultural: lombardos e normandos católicos (maioria na Campânia e Terra del Lavoro – proximidades de Nápoles, e no norte da Apúlia), gregos ortodoxos (maioria na Calábria e Lucânia, além da metade sul da Apúlia) e muçulmanos (tanto árabes quanto magrebinos e locais, maioria na Sicília). Esta combinação exigia considerável flexibilidade de seus governantes, que construíram uma habilíssima estrutura administrativa a partir da combinação de elementos constituídos por cada comunidade individual e unificados sob o controle de uma chancelaria trilíngue e multicultural[2] que não apenas permitiu a competente administração destes domínios heterogêneos mas que alcançasse considerável prosperidade através da exploração de sua localização estratégica nas rotas comerciais mediterrâneas e de sua produção de recursos altamente lucrativos, como a seda, o açúcar de cana, frutas cítricas, anil e o onipresente trigo *grano duro*, que atraiu à ilha os Gregos, Cartagineses e Romanos na Antiguidade.

Porém, o preço do sucesso da dinastia Hauteville na constituição de um poder centralizador no reino foi uma tensão política constante, que atingiu seu apogeu em fins do século XII durante o processo da *unio Regni ad Imperium*, ou seja, da incorporação do Reino Normando ao patrimônio dinástico da linhagem imperial germânica dos Hohenstaufen.

Esta união só foi possível através do matrimônio entre Constança (1154-1198), a póstuma filha caçula de Roger II e Henrique VI (1165-1197), primogênito de Frederico I *Barbarossa* e herdeiro do Sacro Império Romano, celebrado em Milão em 1186[3]. Todavia, em 1189, quando do falecimento sem descendência de Guilherme II (1155-1189), rei síciulo-

2 TAKAYAMA, Hiroshi. *The Administration of the Norman Kingdom of Sicily*, Leiden: Brill Academic Press, 1993.

3 SIMETI, Mary Taylor. *Travels with a Medieval Queen*, Nova Iorque: Farrar, Straus & Giroux, 2001, p.98.

normando e sobrinho de Constança, o reino ficou dividido entre aqueles que apoiavam a ascensão de Constança ao trono (e, consequentemente a *unio Regni ad Imperium*) e aqueles que preferiam uma solução autóctone que manteria a independência do reino. Aqueles que defendiam esta segunda posição estavam, por sua vez, divididos entre os que apoiavam a eleição régia do conde Tancredo de Lecce (filho bastardo de Roger da Apúlia, primogênito de Roger II) e os que apoiavam a eleição régia do conde Roger de Andria (que alegava descender de Drogo de Hauteville, um dos fundadores da linhagem).

Ambos haviam sido elementos-chave na administração régia durante o reinado de Guilherme II, exercendo a posição de *magister comestabilis et justitiarius*[4], que acumulavam funções militares e judiciais. Tancredo teve maior destaque nas funções bélicas (liderou as expedições militares de 1174 contra o Egito e de 1185 contra o império Bizantino), enquanto Roger de Andria se tornou o Grande Camareiro da Sicília.

O principal diferencial entre os candidatos e que elevou Tancredo ao trono, foi o apoio de Mateus de Aiello, o chanceler do reino. Graças a este, o impasse foi resolvido e Tancredo de Lecce foi coroado rei no início de 1190, a contragosto por Walter Ophamil, arcebispo de Palermo e partidário de Constança.

Contudo, o casal imperial não abandonou a reivindicação de seus direitos. Em 1190, forças imperiais acantonadas em seus domínios na Toscana iniciaram uma escalada de incursões e escaramuças contra os partidários de Tancredo (liderados por seu cunhado, Ricardo de Acerra) e em 1191, o próprio Henrique VI liderou um grande exército para a conquista do reino. Todavia, este não foi bem-sucedido, tendo fracassado no sítio a Nápoles e caído doente, recuando tão às pressas para a Germânia, que a imperatriz Constança caiu prisioneira de Tancredo (até janeiro de 1192) com a mudança de lado dos salernitanos. O fracasso imperial só foi superado após a morte de Tancredo e a conquista do reino em 1194.

Este é o contexto básico do tema que analisaremos, os registros historiográficos dos cronistas reinóis contemporâneos a esta crise política e suas reações à monarquia tancredina, "Hugo Falcandus" em sua *Epistola ad Petrum Panormitanae ecclesiae thesaurarium*[5] e Pedro de Éboli em seu *Liber ad honorem Augusti sive de rebus Siculis*[6], ambos engajados na construção de discursos legitimadores para as facções em disputa.

---

4 MATTHEW, Donald. *The Norman Kingdom of Sicily*, Cambridge: CUP, 1992, p.181

5 in: LOUD, Graham A. & WIEDEMANN, Thomas (trad.). *The History of the Tyrants of Sicily by "Hugo Falcandus" 1154-69*, Manchester: Manchester UP, 1998, pp. 252-263.

6 PETRUS DE EBULO. *Liber ad honorem Augusti.* Ed. SIRAGUSA, Gian Battista. Roma: Istituto Storico Italiano, 1906. & PETRUS DE EBULO. *Liber ad honorem Augusti.* Trad. KÖLZER, Theo & STÄHLI, Marlis. Sigmaringen: Thorbecke, 1994.

1. "Hugo Falcandus" e a *Epistola ad Petrum Panormitanae ecclesiae thesaurarium*

"Hugo Falcandus" pode ser considerado como um dos historiadores medievais mais notáveis e menos conhecidos[7]. A ele são atribuídos o *Liber de Regno Sicilie* (principal fonte para o período 1154-1169 - o reinado de Guilherme I e boa parte do reinado de Guilherme II) e a *Epistola ad Petrum Panormitanae ecclesiae thesaurarium*[8]. O personagem por trás do pseudônimo permanece um mistério, porém suspeita-se de que tivesse origens transalpinas e, com certeza, era um personagem bem instruído acerca dos usos e costumes do ambiente cortesão palermitano.

"Hugo Falcandus" adotou em sua carta a Pedro[9], a posição de que a *unio Regni ad Imperium* seria "um grande desastre", já que "o estado pacífico do reino será estilhaçado, seja pelo impacto da invasão inimiga, seja pela pesada tempestade do conflito interno".[10].

Seu relato é pungente quando descreve sua visão de uma Sicília invadida pelos germânicos:

> "Antevejo as desordeiras colunas de estrangeiros ocupando-a com aquele ímpeto nato que os leva a avançar, destruindo e impondo o medo às ricas cidades e lugarejos florescentes (resultantes de um longo período de paz), devastando-as com massacres e saques e conspurcando-as com estupros. A visão da tragédia porvir se impõe a mim e faz-me derramar lágrimas à despeito de minha vontade.
>
> Imagino, de um lado, citadinos passados a fio de espada por resistirem, ou forçados à submissão em abjeta escravidão; de outro, mulheres solteiras violadas perante os olhos de seus pais, respeitáveis senhoras – após todas as suas valiosas joias terem sido arrancadas de suas cabeças, pescoços e colos – tratadas com insolência e, olhos fixos ao chão, chorando inconsoláveis após a violação de seus votos matrimoniais pela luxúria desta raça nojenta. A fúria dos germânicos não costuma ser contida pelos ditames da razão, ser defletida de seus objetivos pela simpatia humana ou detida por escrúpulos religiosos. Sua fúria inata insta-os à frente, a ganância os incita e a luxúria os impele".[11]

Já sua análise acerca dos humores dos diversos grupos de poder no reino é de uma clareza política ímpar e o trecho merece ser apreciado em sua integralidade:

> "Agora eu gostaria que me explicasses o seguinte: que rumo pensas que a situação tomará nesta crise? Qual caminho os sicilianos seguirão? Decidirão eles que devem escolher um rei para si mesmos e lutar contra os invasores com força unida? Ou irão eles ser criaturas das circunstâncias e preferirão

7 D'ANGELO, Edoardo. *Storiografi e cronologi latini del Mezzogiorno Normanno-Svevo*, Nápoles: Liguri, 2003, p.31.
8 Ambos presentes na edição de LOUD & WIEDEMANN.
9 Cânone e tesoureiro da catedral de Palermo.
10 LOUD & WIEDEMANN, p. 252 (tradução nossa).
11 LOUD & WIEDEMANN, p. 253 (tradução nossa).

> aceitar o jugo da escravidão, não importa o quão severa, ao invés de proteger sua reputação e honra, além da liberdade de sua terra, por falta de confiança em sua causa e desgosto pelo esforço fora do costume?
>
> Em silêncio, penso sobre estes assuntos, obscuros em minha própria mente, impulsionada por vários argumentos em uma direção ou noutra, discordando de mim mesmo; nem para mim é suficientemente claro qual das duas políticas deveria considerar como preferível. Certamente se eles escolherem um rei de virtude inquestionável e se os muçulmanos não adotarem um caminho diferente dos cristãos, então este rei eleito poderá auxiliar na situação mesmo que a esperança já esteja praticamente abandonada e a causa virtualmente perdida; se ele atuar sabiamente, poderá repelir as investidas inimigas.
>
> Se ele ganhar o apoio dos cavaleiros ao oferecer-lhes paga maior e cortejar os sentimentos do vulgo ao conferir-lhes benefícios; se ele fortificar as cidades e vilas costeiras e cuidadosamente posicionar guarnições em locais adequados também na Calábria, será capaz de proteger tanto a Sicília quanto a Calábria e prevenir que ambas caiam sob o poder e autoridade de estrangeiros.
>
> Isso porque não creio que quaisquer esperanças devam ser postas nos Apulianos, que constantemente tramam revoltas pelo prazer que extraem de novidades; se ordenares que eles partam para a batalha com todas as suas forças, eles fugirão antes que o sinal para combater seja dado. Se os colocares como defensores nas fortificações, cada um deles o trairá e permitirá o avanço dos inimigos sem o conhecimento ou oposição de seus aliados.
>
> Ademais, seria difícil à população cristã não oprimir os muçulmanos em uma crise tão severa quanto esta. Com medo da falta de um rei, os muçulmanos, esgotados pelas muitas injúrias nas mãos dos cristãos, divergirão destes e talvez ocupem fortificações ao longo da costa ou nas montanhas. Isso tornaria necessário combater tanto os germânicos com todas as forças e também lidar com os frequentes ataques dos muçulmanos. O que pensas que os sicilianos devem fazer, apanhados nestes estreitos, postos em grande perigo, ou assim dizendo, entre o martelo e a bigorna?
>
> Os muçulmanos certamente farão o que puderem em sua miserável situação e render-se-ão aos estrangeiros e se entregarão a seu poder. Como eu desejo que as esperanças das comunidades de cristãos e muçulmanos e seus líderes coincidam, para que assim eles escolham um rei para si mesmos, de comum acordo e lutem para resistir aos invasores com todo o seu poder, esforço e vontade!".[12]

Devido ao acúmen e exatidão envolvidos na análise, quiçá premonitória de "Falcandus", permanece a dúvida se se trata de uma reflexão posterior aos acontecimentos ou uma brilhante antecipação do que poderia ocorrer. De fato, a divisão da nobreza siciliana entre Constança (e Henrique VI), Tancredo e Roger de Andria agravou as tensões étnicas e, após um levante em Palermo, os muçulmanos fugiram em peso para as montanhas em estado de franca rebelião. Isso levou a uma guerrilha na Sicília ocidental que só foi debelada por Frederico II em 1220[13].

12 LOUD & WIEDEMANN, 254-5 (tradução nossa).
13 ABULAFIA, David. *Frederick II - A Medieval Emperor*, Londres: Pimlico, 1992, pp. 146-148.

É interessante que "Falcandus" não tenha nomeado qualquer candidato local ao trono, embora fique muito claro que para ele a única solução adequada seja a autóctone. Poder-se-ia especular que o superior do destinatário da missiva, o arcebispo de Palermo, Walter Ophamil (que, segundo Ricardo de San Germano, foi o responsável pelo matrimônio entre Constança e Henrique VI, como fruto de sua rivalidade com o chanceler Mateus de Aiello)[14], não apreciaria que um de seus auxiliares pudesse apoiar outro monarca que não Constança. De qualquer forma, "Falcandus" não endossa nem a Tancredo, nem a Roger de Andria, ambos representantes de seu ponto de vista.

A única menção feita por "Falcandus" a Tancredo no *Liber de regno Siciliae*, além de questões meramente factuais foi a seguinte: "Tancredo, filho do duque Roger (da Apúlia), a quem mencionamos anteriormente, era notável em virtude de sua inteligência e diligência em vez de força física" [15], indicando certo grau de debilidade física. Romualdo de Salerno (que conviveu com Tancredo na corte dos dois Guilhermes) e Ricardo de San Germano não fazem menção acerca de sua aparência, questão que será repetidamente abordada por Pedro de Éboli.

2. Pedro de Éboli e o seu *Liber ad Honorem Augusti*

Pedro de Éboli foi médico, possivelmente formado pela escola salernitana e ligado à corte de Henrique VI e Constança. Suas obras sobreviventes são *De Balneis Puteolanis* (sobre os benefícios médicos das fontes termais de Pozzuoli)[16] e o *Liber ad Honorem Augusti*.

Este volume é uma fonte *sui generis*. Seu único manuscrito se encontra hoje na Burgerbibliothek de Berna, cadastrado como Codex 120 II. É o principal registro historiográfico do período inicial da *unio Regni ad Imperium* e cumpre esta missão em duas formas entrelaçadas: uma narrativa poética com 1674 versos distribuídos no verso de 52 folhas de pergaminho, cujas frentes se encontram recobertas com uma narrativa pictórica dos mesmos fatos, mas adaptados à linguagem imagética, em diálogo constante com o texto, formando um todo coerente. Tanto texto quanto imagens foram compostos pelo autor, numa rara situação em que ambos foram realizados pelas mesmas mãos, seguindo um mesmo programa. E, também fato raro, o documento em si, não apenas partilha o mesmo suporte material, como estabelece a si próprio como uma série iconográfica plena, da qual podemos

14 RICCARDO DA SAN GERMANO. *La Cronaca*. Trad. SPERDUTI, Giuseppe. Cassino: Ciolfi, 2000, p. 25.
15 LOUD, Graham A. & WIEDEMANN, Thomas (trad.). *The History of the Tyrants of Sicily by "Hugo Falcandus" 1154-69*, Manchester: Manchester UP, 1998, pp.104-5 (tradução nossa).
16 Huntington Library, HM 1342.

extrair subséries temáticas como no caso aqui abordado, a representação de Tancredo de Lecce.

A exaltação a Henrique VI, como único e legítimo pretendente ao trono siciliano (através de seu matrimônio com Constança) é o tema dominante no *Liber ad Honorem Augusti*, o que leva Pedro de Éboli do início ao fim a fazer de Tancredo o segundo protagonista da luta pela sucessão ao trono de Guilherme II: a contraparte negativa, o espelho deformado do único e verdadeiro imperador.

> "A partir do primeiro verso, Tancredo é o rival destinado a ser derrotado e os motivos e razões deste duelo já se encontram contabilizados, mas são declarados desde o início para serem incluídos em um jogo inteligente de citações contínuas que percorrem toda a obra, como círculos em torno de um seixo jogado na água"[17].

Tancredo está representado nas iluminuras nada menos do que em doze fólios (99, 101, 102, 103, 104, 120, 121, 124, 125, 128, 146 e 147), aproximadamente um quinto dos fólios iluminados (em comparação Henrique VI, aparece em dezesseis fólios e Constança em treze), dos quais selecionamos sete como os mais representativos da visão de Pedro de Éboli acerca de Tancredo.

No contexto iconográfico, sua grande arma contra Tancredo é a representação física, apresentada por Pedro de Éboli como um reflexo natural de sua baixeza e colocada no mesmo nível de desaprovação ética. O autor repetidamente caracteriza Tancredo ridiculamente como "*nanus*", "*detestabile monstrum*", "*naturae crimen*", "*aborsum*" e "*embrion infelix*". Esta representação do aspecto físico de Tancredo está ligada com mais uma forma de desqualificação do mesmo, advinda de seu nascimento. O autor postula que a união entre o sangue de estirpe régia por parte de pai e de "*stirps media*" por parte de mãe, gerou esta criatura deformada devido à "*pauperrima materies*" materna, já que o sangue régio não podia mesclar-se a um que não lhe fosse equivalente (vv. 200-233), ao contrário da união entre Constança e Henrique, ambos régios e pais do quase miraculoso Frederico Roger, o futuro Frederico II.

Tancredo é, portanto, um "*dimidiatus homo*" (v.229) e, devido à sua origem ignóbil, a sua unção régia é espúria (título da VII partícula, verso 166 e seguintes) e ilegítima. A pequenez de seu corpo, contraposta à imponente estatura de seu primeiro oponente ao trono,

[17] FRUGONI, Chiara, "Fortuna Tancredi" – Temi e immagini di Polemica antinormanna in Pietro da Eboli", in: VÁRIOS AUTORES. *Studi su Pietro da Eboli*, Roma: Istituto Storico Italiano per il Medio Evo, 1978, p. 150.

conde Roger de Andria ("*hic brevis, ille gigas*", v.99), depois traiçoeiramente eliminado, é a primeira menção que lhe faz referência. Temos um *feedback* visual imediato na miniatura que representa a eleição contestada (folio 99r).

Tancredo, cujo rosto não é visível devido aos muitos retoques (talvez propositalmente), é representado em pé, quase numa atitude de súplica, pouco régia, vestido sem adornos, de pequeníssima estatura, sendo aclamado pelo populacho desorganizado (como fica patente por seu posicionamento e pelo porte de instrumentos como foices e machados). Frente a ele está o conde Roger de Andria, altíssimo e severo, sentado numa cadeira curul (*sella curulis*, um dos símbolos associados ao *imperium*, poder político-militar concedido pelo Senado romano aos altos magistrados, muito empregada na iconografia medieval como símbolo de poder legítimo e exercício da Justiça), vestindo um rico e elaborado traje, sua mão esquerda aperta o cinto (denotando sua severidade) e a direita se ergue como se a sugerir um cetro e aclamado por uma bem ordenada linha de cavaleiros, cujas espadas e esporas se contrapõem aos implementos agrícolas dos partidários de Tancredo.

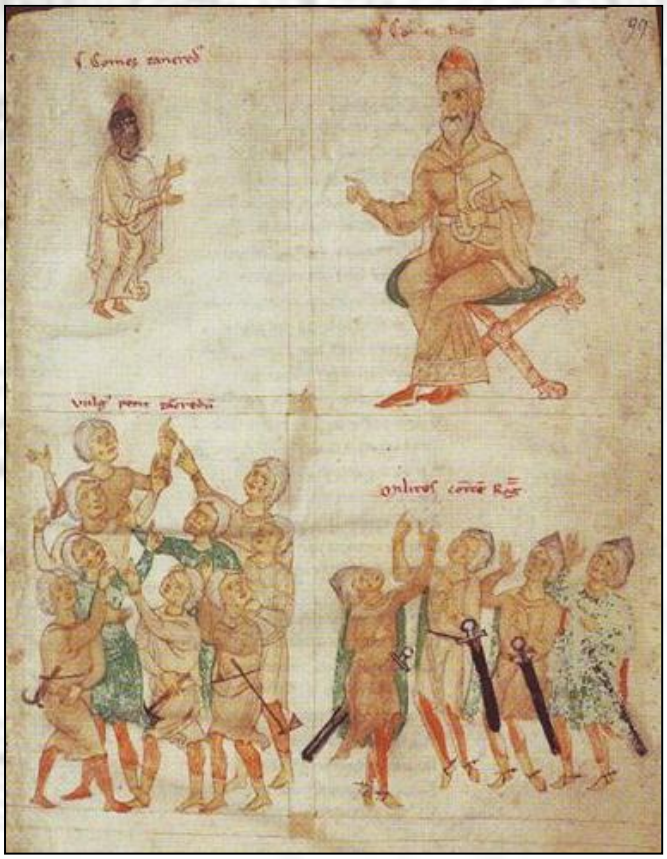


Figura 1: *Liber ad honorem Augusti*, fl. 99r, Codex 120 II, Burgerbibliothek Bern[18].

[18] Em atendimento às normas de utilização de imagens dos manuscritos da Burgerbibliothek Bern, deve-se creditá-la como origem das imagens mesmo quando obtidas de publicações fac-similadas, como neste caso. Assim, o complemento dos créditos da imagem é: in KÖLZER, Theo & STHALI, Marlis. *Petrus de Ebulo Liber ad honorem Augusti sive de rebus Siculis – Eine Bilderchronik der Stauferzeit aus der Burgerbibliothek Bern*, Sigmaringen: Jan Thorbecke Verlag, 1994, p. 51.

Tancredo não é só "*brevis*", mas também "*dimidiatus homo*": precisamente porque não possui nenhuma energia viril, necessitava de diretivas que, não por acaso, eram recebidas de sua esposa, Sibilla de Acerra; ele é sempre apresentado como indeciso no agir; o lugar de suas meditações é o leito: "*pectore tristis... ingreditur thalamum... precipitans humili frigida membra thoro*" (vv. 743-5), em uma pouco heroica necessidade de refúgio e quietude, que não é apenas física, mas, como sempre em relação a este personagem, também moral: "*consuluit mentis triste cubile suae*" (v.167).

E uma tradução deste seu modo de ser apenas um "*semivir*" (v.295) se encontra na representação de sua pequena face, desenhada como algo confuso, quase como se sua incerta estirpe não pudesse lhe assegurar nem mesmo uma fisionomia bem definida. Somente em um caso Tancredo foi representado com um rosto bem determinado: aquele no qual o rosto traduz seu ser como um homem degradado... É um rosto simiesco, acompanhado da legenda "*simia factus rex*" (f.104r).



Figura 2: *Liber ad honorem Augusti*, fl. 104r, detalhe, Codex 120 II, Burgerbibliothek Bern[19].

[19] In. KÖLZER & STHALI, 1994, p. 71.

Com este epíteto ultrajante, Pedro de Éboli definiu Tancredo no dia de sua coroação: "*ecce coronatur simia, turpis homo*" (v. 185). Como se isso não fosse suficiente, a própria coroação foi descrita nos versos como "*spuriosa unctio regni*" (título dado à sétima parte do livro I) "*Qua comes infelix unctus in urbe fuit!*" (v.181).

Mestre Pedro de Éboli não economiza desprezo por Tancredo na iluminura do fólio 102, que acompanha os versos relativos à coroação (vv.166-199), representando o desfile triunfal de Tancredo após sua sagração régia, conforme fica claro nas legendas presentes: "*Quando Tancredus usurpavit sibi regni coronam*" (parte superior, centro); descreve Mateus de Aiello, chanceler do reino e esteio político de Tancredo como "*bigamus sacerdos*", acusando-o de dois pecados, o nicolaísmo e a bigamia. Todavia, ao que tudo indica, Mateus não possuía *status* clerical (ao contrário dos chanceleres imperiais germânicos, todos arcebispos) e muito menos envolvido em bigamia.

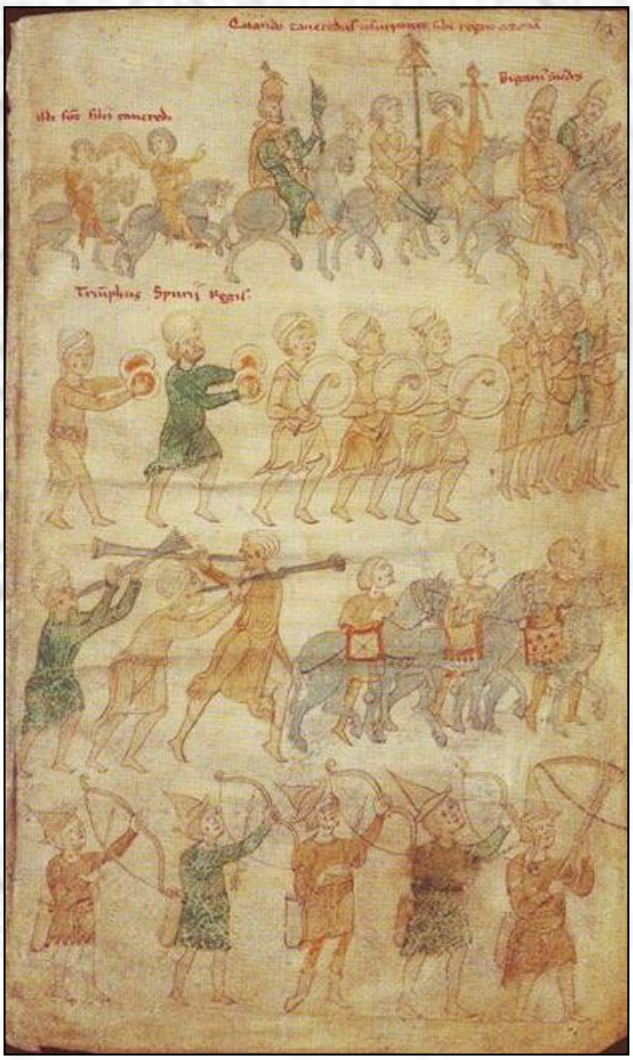


Figura 3: *Liber ad honorem Augusti*, fl. 102r. , Codex 120 II, Burgerbibliothek Bern[20].

20 In. KÖLZER & STHALI, 1994, p.62.

Ele prossegue descrevendo o desfile como "*Triumphus spurii regis*", no qual participam músicos e lanceiros portando o distinto turbante islâmico (implicando pejorativamente o apoio dos infiéis à causa de Tancredo) e infantes portando arcos e mesmo uma besta. Mas, significativamente, não participam os nobres cavaleiros (anteriormente apontados como apoiantes do rival de Tancredo, o conde Roger de Andria). Os três elementos que acompanham os cavalos, estão desmontados e não portam armas ou arneses, assemelhando-se mais a pagens do que *milites*.

O símio foi muitas vezes visto durante o medievo como um símbolo de cupidez e avareza[21], o que coaduna perfeitamente com a acusação lançada por Pedro de Éboli de que Tancredo e seus partidários empregavam o ouro como meio para corrupção e ascensão social (vv. 355, 497 e 767). Tancredo foi mostrado com feições simiescas nas miniaturas fl.104r ("*Simia factus Rex*"), fl.120r ("*Domina mundi dixit regem simiam*") e fl.121r.

Pedro de Éboli acrescenta o detalhe definitivo ao escárnio... Tancredo não é só um "*monstrum*", mas um "*vetus monstrum*" (v.184): a deformidade é suscetível de agravamento. E desta decadência física e moral é testemunha o desprezo de sua esposa Sibila "*ad senium properans dementior exit ab annis, et iubet unde vivat penituisse senen*" (vv.931-2).

O mesmo Tancredo, prevendo o próprio triste destino como derrotado, prorrompe em auto-comiseração: "*Iam vires miserum destituere senem*" (v.754). Esta ideia constante, de um Tancredo consciente do fracasso futuro de sua causa está bem clara nas alegorias empregadas nas iluminuras do folio 103, um dos mais virulentos de todo o códice e ligada aos versos 200 a 233.

No topo da página Pedro de Éboli representou Tancredo caindo de sua montaria, com a legenda *Fortuna Tancredi*, sendo que este tema da queda será retomado nas iluminuras dos fólios 146 e 147. Na sequência, o autor retoma a ridicularização física de Tancredo: *Tancredus facie senex statura puellus*, apontando a incongruência entre sua estatura infantil e seu rosto de velho, qualificando-o desta forma como uma aberração, quadro que só piora com o restante da página.

Num arranjo cênico, a figura central sentada, portando trajes semelhantes àqueles de Tancredo na parte superior da página, é subentendida como o duque Roger da Apúlia (seu pai). A seu lado, como esclarece a legenda, está o *magister* Urso (famoso médico da escola salernitana na primeira metade do século XII): "*Querenti mihi causam de modicitate corporis*

21 JANSON, H.W. *Apes and Apelore in the Middle Ages and the Renaissance*, 1952, pp.13-27.

Tancredi quod aborsum fuerit eius corpus, magister Urso aborcientem ovem ducit in exemplum"...

Pedro de Éboli, que já havia desqualificado a união dos pais de Tancredo, acrescenta que, em última instância, seu nascimento mesmo tenha sido fruto de um aborto (ao invés de meramente prematuro) como deixa claro na parte inferior do arranjo cênico na qual, uma mulher presente na câmara da parturiente, recua horrorizada da apresentação do abortado Tancredo.

É interessante que este fólio possa ser visto em contraponto com o de número 96, no qual se encontra a narrativa imagética da vida de Constança, da união legítima de seus pais até a sua própria com Henrique VI.



Figura 4: *Liber ad honorem Augusti*, fl. 103r, Codex 120 II, Burgerbibliothek Bern[22].

22 In. KÖLZER & STHALI, 1994, p.67.

Ilegítimo, abortado, anão, deformado, simiesco, desprovido pela Fortuna e destinado a fracassar: assim o autor qualifica o vilão de sua história, de seus antecedentes até a sua atuação como monarca.

Selecionamos, a seguir, outras três imagens que confrontam Tancredo e seus inimigos, Constança e Henrique VI, os heróis da narrativa de Pedro de Éboli.

O fólio 120, correspondente aos versos 711 a 742, recorda justamente o encontro entre Constança e Tancredo quando esta, aprisionada em Salerno, foi trazida a Messina. O arranjo cênico é interessante: a imperatriz cativa foi trazida em uma embarcação militar repleta de guerreiros (como fica claro pelos escudos pendurados nas amuradas, em arranjo semelhante aos apresentados na Tapeçaria de Bayeux, também fruto de artesanato normando). Ao desembarcar, "*Domina mundi dixit: Reperite simiam"*, basicamente, "leve-me ao macaco". No centro da imagem se dá o encontro no interior das fortificações de Messina: Constança, ereta, é representada com coroa e orbe imperiais, além de mais alta, ao menos uma cabeça, do que os cortesãos de Tancredo. Este, por sua vez, está representado sentado curvado no trono; deixando ainda mais clara a sua pequenez, está o fato de que seu cetro foi representado com praticamente o mesmo comprimento de seu corpo, mais uma prova de sua inadequação ao cargo régio.

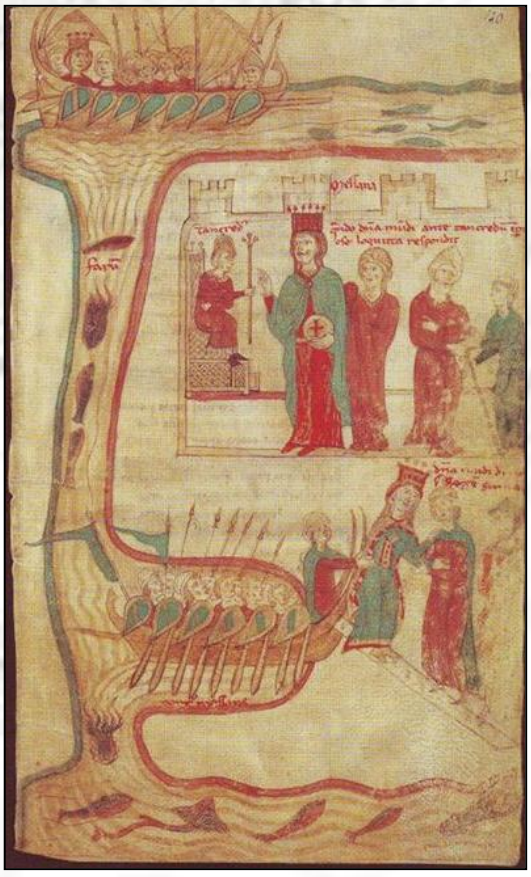


Figura 5: *Liber ad honorem Augusti*, fl. 120r, Codex 120 II, Burgerbibliothek Bern[23].

[23] In. KÖLZER & STHALI, 1994, p.135.

Embora prisioneira, nesta imagem fica clara a ascendência que Pedro de Éboli credita a Constança perante Tancredo, ideia que se repete nas representações que opõem Tancredo e Henrique, presentes nos fólios 146 e 147, os dois últimos do códice.

Em primeiro lugar, devemos recordar que nunca houve um encontro direto entre Tancredo e Henrique VI, ao contrário do encontro entre Tancredo e Constança. A marcha triunfante de Henrique para a conquista do reino se deu após o falecimento de Tancredo em fevereiro de 1194.

Assim, os fólios 146 e 147 são essencialmente alegóricos, representando o triunfo do imperador germânico (e, a partir do Natal de 1194, também rei siciliano) sobre seu adversário em dois planos diferentes. A primeira iluminura deste díptico representa Henrique VI entronizado, coroado e portando orbe e cetro, a plena parafernália representativa do poder. À sua volta se encontram as representações das virtudes (por três vezes as legendas assim as apresentam: *Virtutes*) das quais estão destacadas duas das principais que no medievo se esperavam de um monarca, *Fortitudo* (portando um escudo) e *Iustitia* (portando um livro, representação das leis).

No plano inferior da imagem se encontra a Fortuna, representada fundida à sua Roda, sob a qual se encontra Tancredo, por ela esmagado. A Fortuna ainda roga que as Virtudes protejam Henrique, o seu eleito.



Figura 6: *Liber ad honorem Augusti*, fl. 146r, Codex 120 II, Burgerbibliothek Bern[24].

24 In. KÖLZER & STHALI, 1994, p.239.

A segunda parte do díptico corresponde aos versos 1640-1674 e, mais uma vez, apresenta um arranjo cênico centrado em Henrique VI, entronizado, coroado e portando cetro e Tancredo esmagado pela Roda da Fortuna. Contudo, desta vez, Henrique se encontra cercado por seus principais auxiliares, à esquerda, Markward de Anweiler, senescal do Império ("*Marchisius senescalcus*"), que comandou as armadas unidas de Gênova e Pisa aliadas de Henrique na campanha de conquista do reino[25]; Henrique de Kalden, marechal do Império ("*Henricus Calandrinus*") e o chanceler imperial Conrado de Querfurt, portando no braço esquerdo o próprio *Liber ad honorem Augusti* (que lhe foi entregue pelo autor do mesmo, conforme representado no folio 139) e, na mão direita, um globo com cidades, podendo ser uma representação da própria Sicília.

Acima do imperador está a representação de outra virtude, a Sapiência. Aliás, seu próprio trono está legendado como "*Sedes sapientie*", creditando a Henrique VI a outra grande virtude associada pelos medievos ao monarca. A Sapiência está em diálogo com a Fortuna que, não apenas subjuga Tancredo, mas também uma figura desgrenhada, representada como Andrônico Comneno, imperador bizantino inimigo dos Hohenstaufen (e do próprio Tancredo), também usurpador e visto como tirano em fins do século XII, derrubado por uma revolta contra sua paranoia e sede de sangue.

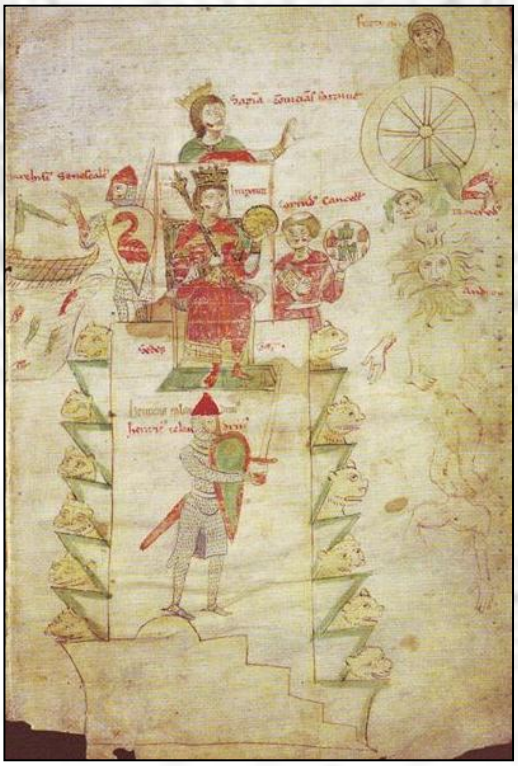


Figura 7: *Liber ad honorem Augusti*, fl. 147r, Codex 120 II, Burgerbibliothek Bern[26].

25 VAN CLEVE, Thomas C. *Markward of Annweiler and the Sicilian Regency*, Princeton: Princeton UP, 1937.
26 In. KÖLZER & STHALI, 1994, p.243.

Estas duas últimas iluminuras ao resgatarem a importância da Fortuna e sua Roda nos negócios humanos, retomam uma metáfora comum ao período medieval, mas especialmente caro à cultura na Germânia Imperial do século XII, como demonstrado pelas tantas cópias do *De Consolatione philosophiae* de Boécio produzidas no período, pela sua presença constantemente destacada no *Hortus deliciarum* da abadessa Herrad de Landsberg ou ainda mais claramente na famosa canção goliárdica *Fortuna imperatrix Mundi*, presente nos *Carmina Burana* (CB 17)[27], principal testemunho lírico germânico sobre as inconsistências da Fortuna. De certa forma, ao considerarmos o pesado envolvimento da Fortuna na história de Tancredo (ao menos pela ótica de Pedro da Éboli) e sua luta contra o destino negativo que lhe foi vaticinado (*a posteriori*...) pelo poeta, cabe mesmo uma medida de simpatia por um personagem tão vilipendiado.

3. Reflexões finais

O processo da *unio Regni ad Imperium* foi carregado de tensões e contradições em toda a sua extensão, das negociações, a partir de 1177, que levaram ao matrimônio entre Constança e Henrique VI até à conclusão do processo com o fim definitivo do controle dos Hohenstaufen sobre o reino com a execução de Conradino em 1268[28].

Os cronistas aqui citados possuíam clara consciência de que viviam em um momento de crise e mudanças[29] e que deveriam tomar partido e escolherem a alternativa que consideravam mais adequada para a sobrevivência do reino[30]. "Hugo Falcandus", por mais crítico que tenha sido aos Hauteville, considerava os germânicos como tiranos ainda piores

---

27 O Fortuna / velut luna/ statu variabilis,
semper crescis/ aut decrescis;/ vita detestabilis
nunc obdurat/ et tunc curat/ ludo mentis aciem,
egestatem,/ potestatem/ dissolvit ut glaciem.
Sors immanis/ et inanis,/ rota tu volubilis,
status malus,/ vana salus/ semper dissolubilis,
obumbrata/ et velata/ michi quoque niteris;
nunc per ludum/ dorsum nudum/ fero tui sceleris.
Sors salutis/ et virtutis/ michi nunc contraria,
est affectus/ et defectus/ semper in angaria.
Hac in hora/ sine mora/ corde pulsum tangite;
quod per sortem/ sternit fortem,/ mecum omnes plangite!
In: *Carmina Burana – Lieder aus Benediktbeuren*, Colônia: Anaconda Verlag, 2006, p.46.

28 KAMP, Norbert. "Die deutsche Präsenz im Königreich Sizilien (1194-1266)", in: KÖLZER, Theo (ed.). *Die Staufer im Süden - Sizilien und das Reich*, Sigmaringen: Thorbecke, 1996, pp. 141-186.

29 CILENTO, Nicola. "La "coscienza del Regno" nei cronisti meridionali", in: FONSECA, Cosimo Damiano (org.). *Potere, società e popolo tra età normanna ed età sveva*, Bari: Edizioni Dedalo, 1983, pp. 165-184.

30 Conforme muito bem analisado por DELLE DONNE, Fulvio*. Il Potere e la sua legittimazione - Letteratura Encomiastica in onore di Federico II di Svevia*, Arce: Nuovi Segnali, 2005.

que os normandos, portanto apoiava a eleição de um monarca autóctone, embora, como dito anteriormente, não tenha nomeado um candidato de sua preferência, ainda assim era a voz que representava a facção da qual Tancredo emergiu como vencedor.

Já Pedro de Éboli depositou sua fé na *unio Regni ad Imperium*, sendo que esta fé foi capaz de conferir significado aos acontecimentos desde o início da composição do *Liber ad honorem Augusti*[31]. As duras e intensas críticas que *magister* Pedro dirigiu a Tancredo e seus partidários podem ser vistas não apenas como mera conveniência política, mas, principalmente, como resultado de sua crença na traição realizada pelos tancredinos contra Guilherme II e Constança, ou seja, contra a legítima dinastia reinante.

Antes do matrimônio entre Constança e Henrique, Guilherme II exigiu de seus cortesãos e barões um juramento de fidelidade à proposição de que, no caso de seu falecimento sem herdeiros, sua tia Constança seria a herdeira legítima do trono. Donald Matthew aponta que, aparentemente, não havia neste momento ansiedade alguma acerca da sucessão régia e que existiam rumores de que Guilherme II tenha tido filhos com sua recém-desposada rainha Joana Plantageneta[32]. Assim, os indícios apontariam que este juramento teria sido uma manobra para agradar ao imperador Frederico I *Barbarossa* e Henrique VI, aumentando o enorme valor material do dote da noiva (150 mulas carregadas de ouro, prata, peles e sedas) com o valor, até então simbólico, de uma possível sucessão ao trono, tornada ainda mais improvável pela já adiantada idade de Constança (32 anos quando de seu casamento) para o período.

Ao manobrar para obter o trono após a morte de Guilherme II, já tendo anteriormente jurado fidelidade aos direitos de sua tia Constança, Tancredo se tornou formalmente perjuro, traidor e usurpador aos olhos dos legalistas representados pela voz de Pedro de Éboli. A ferocidade de Pedro contra Tancredo foi muito maior do que a empregada por cronistas germânicos contemporâneos[33] e isso pode ser visto como o gozo de um partido local – agora vencedor, graças às armas de Henrique – sobre seu adversário, embora com considerável dose de ódio pessoal ao traidor.

Quando Pedro confronta Henrique e Tancredo, põe frente a frente a digna majestade imperial do jovem monarca à deformada decrepitude atribuída a Tancredo; o direito legítimo de um à traiçoeira usurpação de outro, nos conduzindo à já mencionada ideia, de que

31 PANDIMIGLIO, Leonida. "La ideologia politica di Pietro da Eboli", in: in: VÁRIOS AUTORES. *Studi su Pietro da Eboli*, Roma: Istituto Storico Italiano per il Medio Evo, 1978, p.18.

32 MATTHEW, Donald. *The Norman Kingdom of Sicily*, Cambridge: CUP, 1992, pp. 274-5.

33 Sendo Otto de St. Blasien o principal exemplo, vide: OTTONIS DE SANCTO BLASIO (ed. Adolf Hofmeister). *Chronica*, Hannover: Hahn, MGH *Scriptores Rerum Germanicarum in usum scholarum*, 1912, p.56.

Tancredo estava destinado a cair: não possuía nem as virtudes necessárias à monarquia, nem os valorosos auxiliares (exceto seu aguerrido cunhado, Ricardo de Acerra) e muito menos o favor da Fortuna.

A *fortuna Tancredi* foi duplamente negativa: tanto perdeu a coroa siciliana quanto perdeu a batalha pela memória de seu reinado. Simplesmente, ou não foram produzidos ou não sobreviveram textos que refutassem a visão de Pedro de Éboli, tomando a defesa de Tancredo. Desta forma, a formulação imagética que lhe representava, realizada por seus inimigos, se tornou a representação registrada pela posteridade.

Contudo, nem mesmo a exaltação a Henrique VI, considerada como a linha oficial da nova monarquia sículo-germânica, conseguiu apagar o fato de que Tancredo possuía suficiente valor para se manter no trono apesar dos ataques imperiais, das rebeliões baroniais apulianas e mesmo da intervenção dos cruzados ingleses liderados por Ricardo I *Coração de Leão* em sua passagem rumo à Terra Santa. Por mais que Pedro de Éboli tenha tentado vilipendiar Tancredo, sabemos que este, dentro dos objetivos que se propôs, foi essencialmente bem-sucedido.